

Lispector, Clarice. "A Imitação da Rosa", em *Laços de Família*. 9. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1974. p.p. 35-58.

A primeira edição de *Laços de Família* é de 1960. O livro possui 13 contos, cujo título justifica-se pelo fato de que quase todos os contos tratam de personagens do ambiente familiar. No entanto, não são simples relações entre pais e filhos, marido e mulher ou parentes de forma em geral, mas são apresentadas situações do cotidiano que incitam profundas reflexões, focalizando de forma predominante à figura da mulher.

Na tentativa de reconstruir a problemática trabalhada por Lispector¹, esta resenha irá, portanto, centrar-se em um dos contos dessa coletânea, conto este que se intitula "A imitação da rosa".

O conto inicia fazendo menção à personagem protagonista, mas sem revelar o nome. A ênfase é dada, já desde o primeiro momento, à necessidade de busca pela perfeição, feita pela personagem ao longo da narrativa. Dá a impressão de que ela queria recuperar um tempo perdido, reviver coisas que há muito deixaram de ser vividas, como pode ser observado no fragmento: "Há quanto tempo não faziam isso?"

Notemos que nos primeiro e segundo parágrafos, o narrador preocupa-se em apresentar o marido, Armando, a quem a protagonista tende a concentrar toda sua ação psicológica, e os amigos, Carlota e João. Na verdade, Carlota e João teriam a função de colaborar na perspectiva que nutria em reviver um tempo passado, no qual ela teria abandonado a função de mulher-esposa e senhora do lar; "vendo enfim Armando esquecido da própria mulher",

A protagonista finalmente é nomeada, num momento singular, momento em que se olha no espelho: seu nome é Laura. O ato de olhar-se no espelho é introduzido pelo verbo "interromper". Ela interrompe a arrumação da penteadeira e olha-se no espelho. O olhar, o especular, o examinar, permite com que ela concretize o tempo decorrido, em que ficara suspensa no ar, na ação, no espaço, e, porque não, no próprio tempo. "Há quanto tempo?"

O tempo é posto como um aspecto distanciador, um longo período em que ela não

se afirmava como ser, em que não via Armando na função de marido, tal como quisera que fosse, em que não falava com Carlota sobre coisas de mulheres, em que não via Armando conversando com outro homem sobre coisas que se via nos jornais e que não se comportava como esposa. Nesse tempo suspenso no ar, que para ela não era perdido, pois poderia ser recuperável, está presente nos olhos a tristeza pelos filhos que não tivera, a mulher que não é mãe, que na concepção tradicional seria a mulher que não é essencialmente mulher.

O hábito de contar e re-contar fatos também dá idéia de tempo suspenso, estendido, um monótono que se estica e não acaba. "Você já contou isso mil vezes", ela se repetia e submetia as pessoas e essa repetição, sua vida era uma rotina e da rotina retirava subsídios de auto-afirmação, e, portanto, "todos os dias ela se cansava, todos os dias seu rosto decaía ao entardecer, e a noite então tinha a sua antiga finalidade, não era apenas a perfeita noite estrelada". Era um gosto pela rotina que um dia fora desprezado por Carlota.

Esse gosto pela rotina e pelo parar do tempo pode também ser visto no ato de arrumar as gavetas e desarrumá-las, para poder arrumá-las de novo, como se a voltar o ponteiro do relógio para que o tempo passado pudesse retornar, ou simplesmente retardá-lo, tal como fizera Penélope em *Odisséia* tecendo e des-tecendo a túnica mortuária. Assim como a rainha de Ítaca, Laura também se punha a espera do amado, num ato de agir e destruir a ação, para que o tempo permanecesse estático.

Laura ao ver sua imagem no espelho, considerando o tempo decorrido, não se identifica totalmente com ela, como quem estivesse numa autodescoberta. Vê detalhes que parece desconhecer, pois "seu rosto tinha uma graça doméstica", em que "tudo dava ao seu rosto já não muito moço um ar modesto de mulher". As marcas do tempo são vistas na pose de senhora e no rosto em que não mais via tanta juventude. Mas, "os olhos marrons, os cabelos marrons, a

pele morena e suave” a fazia ver que continuava a ser a mesma, apenas mais madura e alcançada por aquilo que um dia denominou de futuro. Podemos visualizar, portanto, uma concepção de tempo um tanto diferenciada. Parece-me que o ser é posto no tempo, sofre a ação deste, mas o recupera psicologicamente, através de lembranças e perspectivas de um futuro que esteja coagindo com o passado: afinal, Laura queria viver um futuro movido pelas lembranças pretéritas.

São intrigantes as cores utilizadas para constituir o retrato de Laura: o marrom e o moreno. São cores escuras, tal como obscura estava colocada a sua vida, as coisas que desejava fazer e o que poderia acontecer naquele momento. Os olhos e o vestido que colocaria eram marrons, a pele era morena. Da sombra saíra e na sombra permaneceria inconscientemente, o marrom, o escuro, enfim, o desconhecido e o anonimato. Era assim que d’ “aquela luz cega das enfermeiras” que voltava “à paz noturna da Tijuca, de volta a sua verdadeira vida”, ao abismo de sempre. Já a cor verde, que simbolicamente significa esperança, era vista por Laura como um meio de omissão, uma cor que ofuscaria a verdade, pois “parecia que se tivesse olhos verdes, seria como não dissesse tudo ao marido”.

“Nunca fique com o estômago vazio”, assim dissera o médico para Laura. Mas, o que estava vazio era o seu coração. Nele reinava a incerteza, as angústias da insegurança, o que a fazia diariamente falir. “Não mais aquele ponto vazio e acordado e horripelantemente maravilhoso dentro de si”. Esse ponto vazio contempla as interrogações de sua existência, as dúvidas que a fazia estar sempre em busca de uma auto-afirmação. O seu espaço interior estava vazio. Ela precisava de amor, atenção, pessoas a sua volta, para perceber que existia.

Sobre o espaço, tudo se passa dentro da casa de Laura, particularmente na sala, onde permanece desde o início até a chegada de Armando, como quem estivesse sentada a espera, somente a espera e nada mais.

Laura é uma personagem tão complexa que não se reconhece e nem é reconhecida pelo espaço que habita. Por isso, “sentou no sofá como se fosse uma visita na sua própria casa que, tão recentemente recuperada, arrumada e fria, lembrava a tranquilidade de uma casa alheia”. Tratava-se com impessoalidade, e nisso, apesar das lembranças e da vontade em alcançar coisas

passadas, fica entreposto um estranhamento aparente entre ela e o espaço físico. O espaço físico é transformado pelo psicológico da personagem que o vê conforme necessita e pretende. Então, Laura transforma a sala de sua própria casa numa sala de espera, um espaço recuperado, mas que nunca voltaria a ser o mesmo. Daí o tom impessoal que insistia em usar: na verdade, ela se prostrava a espera de Armando, que ele a reconhecesse como mulher, que quebrasse aquela impessoalidade e a trouxesse de volta definitivamente ao mundo que sempre fora seu. Não é à toa que Laura chamava a si mesma de Laura, como se fosse uma terceira pessoa, era, pois, assim que se sentia, queria criar uma outra imagem de si, uma imagem que surpreendesse.

É incrível a capacidade que o narrador tem de se apropriar do interior das personagens. Consegue até adentrar no psicológico da terceira pessoa criada por Laura, ou seja, a outra Laura: “Não pude deixar de lhe mandar as rosas, diria Laura, essa terceira pessoa tão, mas tão ...”. O narrador passa a idealizar por Laura determinadas situações, que não são concretas, mas que fariam supostamente parte das aspirações da protagonista, o como ela faria as coisas e como os outros reagiriam ao feito: “Carlota surpreenderia com aquela Laura que não era inteligente nem boa mas que tinha também seus sentimentos secretos...Armando a olharia com um pouco de bom espanto – pois era essencial não esquecer quer de forma alguma ele está sabendo que a empregada levou de tarde rosas! – Armando encararia com benevolência os impulsos de sua pequena mulher, e de noite eles dormiriam juntos”.

Assim como Laura parecia ter saído das sombras, Armando também chega por ela, já que era noite; uma escuridão quando a chave penetrou no buraco da fechadura. Neste nível do conto há uma passagem do real para o imaginário. De “a chave penetrou com familiaridade no buraco da fechadura” a “Armando abriria a porta. Apertaria o botão da luz. E de súbito... desnudaria aquele rosto expectante que ele procurava disfarçar mas não podia conter”, a presença dos verbos *penetrou* e *abriria* dá idéia de tempos diferentes. Como se ao passo que Armando mexesse com a chave na fechadura, nesse curto período de tempo, Laura pudesse idealizar mil e uma coisas, como, por exemplo, a respiração suspensa, o sorriso, lembrança do casamento. Penetrou denota um

passado concreto, enquanto abriria denota um fato duvidoso é o futuro do pretérito. Armando chegou enquanto estava noite, escuro, e Laura parecia estar também no escuro, pois o narrador diz que ele “apertaria o botão da luz”. Talvez Armando pudesse ser a luz que Laura esperava para iluminar o seu caminho, o seu guia, a sua realização, o meio para a sublimação.

Mesmo aberta a porta da prisão em que “a chave virou na fechadura” o que entrou foi um vulto escuro e precipitado. Ele também não conseguiu decifrar a presença da esposa como o idealizado, e percebamos que a luz que inundou a sala foi de cor violeta. A violeta é a cor da morte, dos funerais. Nesse momento decretara-se a morte de todo um idealizar, em que não tivera mais um vestido marrom com rendas, nem as flores no jarro, mas um olhar envelhecido, cansado e curioso de Armando em cima de uma mulher que sentada no sofá estava com seu vestidinho de casa. A esperança foi embora como um trem que partira, bem como expõe o próprio narrador.

Mas, por que a imitação da rosa? Por que Laura que tanto se esforçara para ser original, negando a leitura de a “Imitação de Cristo” renderia à singeleza de umas rosas. Nelas via a perfeição, um super-humano que idealizava para si. Aquele jarro de flores quebrava a rotina da sala, “ah como era bom rever tudo arrumado”, era o que dava o tom de sala de espera. Aquele era o toque da impessoalidade. “Ah! Como são lindas”, palavras estas ditas com o coração, pois ela havia se identificado com aquelas rosas, se idealizado nelas, rosas inacabadas, ambíguas. Eram rosas, mas meio esbranquiçadas. Eram várias rosas num mesmo talo, como se houvesse uma Laura para várias vidas. Assim como sua vida fora interrompida para ser observada pelos outros, pelo que parece ao fundo de uma cama de hospital, sentia-se obrigada a interromper a contemplação das rosas, exclamando: “Como são lindas!”

Apesar de miúdas, as rosas eram lindas. Laura também parecia baixinha “com aquelas coxas baixas”, e via toda sua beleza transferida para as rosas. “Não de todo desabrochadas... Parecem até artificiais!”, como a vida que tentava forjar, viver o que não era, apelar para aparências, ter que provar que já estava bem. Por isso sentia perturbada, constrangida com as rosas. As rosas representavam toda beleza que ela mantinha oprimida, que aguardava o momento certo para

desabrochar. Dar as flores à Carlota tirava a responsabilidade de ser linda, infalível, perfeita; era transferir essa responsabilidade à outrem. Para que ficar com aquelas rosas, cheias de espinhos? Não eram apenas espinhos, eram mortais espinhos. Os espinhos da vida, os que ela de certo conhecia muito bem. No mais as rosas morreriam um dia, assim como ela morrera um dia para a vida. Livrar-se das rosas significaria livrar – se de conviver com a possibilidade da morte, da segura, do despetalar lentamente, uma morte lenta, mas inevitável.

Agnaldo Rodrigues
Doutorando em Letras, área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo. Professor Mestre da Universidade do Estado de Mato Grosso.

NOTA

¹ *Ucrariana de nascimento, Clarice passa a morar no Rio de Janeiro e a produzir a sua literatura nesse estado, primando pelo monólogo interior de suas personagens.*

Aceito para publicação em 08/07/2004

